



🌀 muro e o ecrã

Sentada no muro, de pernas encolhidas, a jovem segurava o telemóvel como quem se agarra a uma tábua em mar revolto. O casaco de ganga, largo e gasto, caía-lhe sobre os ombros como uma proteção inútil contra o vazio que a consumia. Os dedos deslizavam no ecrã, sem pausa, como se aquele gesto fosse já um prolongamento natural do corpo.

À sua volta, a rua respirava: o sol de fim de tarde tingia as fachadas de dourado, um casal falava baixo enquanto caminhava devagar, uma criança largava gargalhadas correndo atrás de um balão. Mas nada disso parecia existir para ela. O ecrã absorvia-a por inteiro, oferecendo-lhe um universo feito de imagens calculadas, frases curtas e uma torrente de “likes” que nunca a saciavam.

As redes sociais eram o seu território diário. Ali, acreditava encontrar companhia, mas recebia apenas ecos. Ali, pensava pertencer, mas sentia-se cada vez mais deslocada. A cada notificação, o coração batia mais rápido por instantes, apenas para cair logo em seguida no mesmo vazio. Era uma corrente invisível mas firme que a mantinha presa.

Ao jantar, o cenário repetia-se. O pai tentava puxar conversa sobre a escola, a mãe falava de como a vizinha plantara flores novas no jardim. A jovem, contudo, permanecia curvada sobre o telemóvel. Respondia com monossílabos, se tanto. O prato arrefecia diante dela, mas os olhos não se levantavam. O mundo verdadeiro, com o cheiro da comida, o som das vozes, os olhares que pediam atenção, ficava de fora. A única realidade parecia ser a luz fria do ecrã.

Com os amigos, também não era diferente. Os encontros no café, outrora cheios de risos e de confidências, tinham-se transformado em mesas de silêncio partilhado. Cada um com o seu aparelho, como se estivessem juntos apenas para poderem mostrar ao mundo que não estavam sós. Fotografavam o café, partilhavam a mesa, mas não partilhavam a vida. Entre eles, faltava o essencial: o diálogo, a escuta, a abertura.

No quarto, à noite, quando a casa mergulhava em silêncio, a jovem deitava-se com o telemóvel nas mãos. Passava horas a percorrer perfis alheios, a comparar-se com imagens retocadas de vidas que pareciam perfeitas. Cada fotografia aumentava a distância entre o que era e o que acreditava que deveria ser. Cada "história" publicada pelos outros acentuava a sensação de que a sua própria vida não era suficiente. O sono chegava tarde, fragmentado, e com ele um cansaço que já não era apenas físico, mas também psíquico.

Pouco a pouco, ia perdendo algo que não sabia nomear. Já não se lembrava da última vez que tinha lido um livro sem pressa, ou que tinha olhado o céu apenas para deixar o pensamento vaguear. Esquecera-se de como era caminhar sem auriculares, escutando apenas o som da cidade, ou sentar-se num banco de jardim a observar as pessoas. Esses gestos simples, que outrora lhe davam presença, tinham sido substituídos por um constante deslizar do dedo no vidro liso.

Parecia viva, mas faltava-lhe vida. Cercada de contactos, sentia-se só. Rodeada de breves mensagens, faltava-lhe a voz verdadeira. Mergulhada em imagens, faltava-lhe olhar.

E assim se sucediam os dias: iguais, silenciosos, repetidos. O telemóvel tornara-se uma extensão da sua própria respiração. O que estava para além dele, o mundo real, permanecia ofuscado, esquecido.

E o mais cruel era isto: não havia promessa de mudança. Não havia nenhuma revelação súbita que lhe permitisse romper com aquele estado de coisas. Apenas a continuidade fria de um vício que se confundia já com a própria existência. O muro, o telemóvel, os dedos a deslizar. A vida a escapar-se, gota a gota, sem nunca se dar por isso.

À volta dela, o silêncio parecia tingido de cores invisíveis: manchas vermelhas de ansiedade, manchas azuis de apatia, cinzentas de isolamento, espalhavam-se como respirações soltas, lembrando emoções a que nunca dera nome, pensamentos que nunca dissera em voz alta, memórias que havia ignorado. O corpo presente, mas a alma ausente.

O vento passava e levantava-lhe mechas de cabelo, mas ela não as sentia. As sombras alongavam-se no chão, mas ela não as via. Os sons da vida ecoavam pela rua, mas nenhum chegava a perfurar o vidro que a separava do mundo.

Havia nela uma imobilidade estranha, como se fosse já uma estátua de si mesma — suspensa entre ser e deixar de ser, aprisionada num gesto repetido, interminável.

E, enquanto o céu escurecia lentamente, ela permanecia ali: inclinada sobre o ecrã, perdida num vazio que brilhava, sem dar conta de que a prisão não tinha grades visíveis, mas estava fechada por dentro.

Um último quadro, imóvel: a jovem sentada, o telemóvel aceso a iluminar-lhe o rosto, e em torno apenas silêncio.

Silêncio e ausência.



O muro e o ecrã

1. “[A] jovem segurava o telemóvel como quem se agarra a uma tábua em mar revolto.” O que sugere esta frase sobre a sua relação com o aparelho?
2. Que contraste existia entre o ambiente circundante e o seu comportamento? Assinala o parágrafo que contém essa informação.
3. As redes sociais funcionavam como uma corrente invisível que a prendia. De que formas?
4. Durante o jantar em família, o “muro” que a isolava do mundo verdadeiro permanecia. Enumera os sinais do seu alheamento.
5. O que mudou também nos encontros com os amigos?
6. Quais eram os efeitos físicos e psíquicos que o uso do telemóvel à noite provocava nela? Identifica as frases correspondentes.
7. Refere os hábitos que perdeu devido à sua ligação obsessiva com o ecrã.
8. Na tua opinião, o que significa a frase: “Parecia viva, mas faltava-lhe vida.”?
9. Indica as expressões do texto que transmitem uma total ausência de esperança na vida da protagonista.
10. Se fosses esta jovem, que mudanças farias no teu dia a dia para reencontrar momentos de comunicação, presença e bem-estar?